

Estudos

Interdisciplinares sobre

Gênero e Feminismo

Solange Aparecida de Souza Monteiro

(Organizadora)



Atena
Editora

Ano 2019

Estudos

Interdisciplinares sobre

Gênero e Feminismo

Solange Aparecida de Souza Monteiro

(Organizadora)



Atena
Editora

Ano 2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Lorena Prestes
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobom – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E82	<p>Estudos interdisciplinares sobre gênero e feminismo 1 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Estudos Interdisciplinares sobre Gênero e Feminismo; v. 1)</p> <p>Formato: PDF Requisito de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-789-5 DOI 10.22533/at.ed.895191911</p> <p>1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.</p> <p style="text-align: right;">CDD 306.7</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Feminista... é fazer aquilo que diziam que eu não podia fazer; aquilo que diziam que só o homem pode fazer, eu como mulher também posso fazer. Feminista, acima de tudo é quebrar barreira, é mostrar que a gente pode fazer o trabalho independente do homem, não necessariamente que tenha um do lado. (Ajurimar Bentes – integrante do Grupo de Mulheres Guerreiras Sem Teto, do Movimento dos Sem Teto de Salvador, 2010)

A interdisciplinaridade é uma alternativa em relação ao conhecimento compartimentado em disciplinas e ao discurso de autores contemporâneos que, se por um lado têm representado avanços em algumas discussões específicas, por outro, fica a dever na abordagem científica e na problematização de temas que devem ser considerados em sua complexidade e que ultrapassam o âmbito teórico e metodológico de uma única disciplina. A reflexão interdisciplinar, métodos de uma área para outra, o que possibilita a geração de novos conhecimentos e profissionais com fundamentação sólida e integradora.

A construção das identidades culturais e de gênero na sociedade contemporânea, cujas transformações especialmente a chamada globalização, “acirrada” desde a década de 70 são objeto de reflexão da teoria social. A partir da compressão do tempo-espaço, da globalização da economia e da informação, a construção das identidades ganha novos contornos e necessita ser discutida. As travestis, transformistas, drag-queens e transexuais os transgêneros refletem as constituições de identidade e de gênero.

A sociedade contemporânea tem sido objeto de várias discussões na teoria social, particularmente suas transformações a partir da década de 70. Nessas discussões são várias as denominações para este processo, como pós-modernidade, modernidade tardia, modernidade reflexiva. Esses rótulos, entretanto, não são o que mais importa, mas sim as modificações intensas e contundentes na contemporaneidade e, acredito, vale a pena refletir sobre alguns aspectos dessa mudança.

Antes de tratar especificamente da questão da identidade na sociedade contemporânea, parece-me importante inserir na discussão alguns autores que refletem sobre o próprio cenário contemporâneo embutindo nessa discussão, de forma mais ou menos explícita, a questão das identidades. Como se dá a construção e reconstrução das identidades em um cenário fragmentado, permeado estética e informacionalmente pela mídia, por imagens sobrepostas, por informações sobrepostas, redes, fluxos, riscos e incertezas.

Hall afirma ainda que um aspecto importante relacionado à questão da identidade estaria ligado às transformações na alta modernidade, especialmente a globalização. As mudanças de tempo e espaço, as fragmentações dentro da própria modernidade e a ruptura com antigas tradições, a diferença como característica fundamental, enfim,

processos de descontinuidade, fragmentação, ruptura, deslocação, características da alta modernidade, contribuiriam sobremaneira para a transformação das identidades, que se tornariam fragmentadas e plurais. “Quanto mais a vida social torna-se mediada pelo marketing global de estilos, lugares e imagens, pelos trânsitos internacionais, por imagens de mídia e sistemas de comunicações em redes globais, mais as identidades tornam-se destacáveis - desconectadas - de tempos, lugares, histórias e tradições específicas, parecendo estar ‘à deriva’. Somos confrontados por uma série de diferentes identidades, cada uma delas nos atraindo, ou antes atraindo diferentes partes de nós, a partir das quais parece possível fazer escolhas.” (Hall, 1995: 57). Não é possível, então, pensar as identidades de forma deslocada do contexto, da experiência concreta. Na sociedade contemporânea parece ser difícil pensar no desejo de uma “unidade”. A globalização, assim, antes de estar vinculada a uma totalidade transcendente, permitiria uma proliferação de fragmentos. Ou seja, o local como parte integrante do mundo. Paisagens reais e virtuais que, de algum modo, se oferecem ao olhar de maneira parcial, mas ao mesmo tempo, como parte de um todo.

Na construção de uma perspectiva interdisciplinar, tão necessária para se dar conta dos processos multidimensionais, usar o conceito de gênero, a reprodução das ideologias e relações de gênero a partir das seguintes dimensões a) a dimensão simbólica, referente aos modelos e tipos ideais sobre masculino e feminino; b) a dimensão normativa, que diz respeito a tradução desse mundo simbólico em normas e valores c) a dimensão institucional, pertinente as instituições sociais – tais como, família, escola, estado, igreja, mídia, mercado, dentre outras – responsáveis pela disseminação dessas normas e valores; e d) a dimensão subjetiva, que diz respeito ao processo de interiorização desses valores e comportamentos correspondentes. Outro marco fundamental é *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir, publicado em 1949. A sentença mais utilizada é a notória “Não se nasce mulher, torna-se”.

Não basta a simples “transmissão de conhecimentos” teóricos provenientes dos estudos interdisciplinares de gênero e sexualidade na superação de preconceitos e discriminações na escola. É necessário ir além, abrir espaços no interior das instituições escolares para se problematizar os sentimentos, as resistências e os preconceitos que cercam esta temática.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
“E EU NÃO SOU UMA MULHER?”: FRAGMENTOS DE UM DISCURSO FEMINISTA ANTIMANICOMIAL OU SOBRE A NECESSÁRIA GARANTIA DE LUGAR DE FALA E ESCUTA À MULHER LOUCA	
Priscila Coimbra Rocha Clarice Moreira Portugal Caliandra Machado Pinheiro	
DOI 10.22533/at.ed.8951919111	
CAPÍTULO 2	12
A FORÇA DAS CONSTRUÇÕES SOCIAIS NA VIVÊNCIA DO MÉTODO CANGURU	
Joise Magarão Queiroz Silva Mariza Silva Almeida Edméia de Almeida Cardoso Coelho Talita Batista Lefundes Kelly Cruz Pimentel Sampaio Liliane de Souza Cruz	
DOI 10.22533/at.ed.8951919112	
CAPÍTULO 3	22
A PARTICIPAÇÃO FEMININA NAS FORÇAS MILITARES ESTADUAIS: UM OLHAR SOBRE O PERCENTUAL PARA INGRESSO DE MULHERES NAS POLÍCIAS MILITARES À LUZ DO DIREITO FUNDAMENTAL DA IGUALDADE	
Isabel Gomes de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.8951919113	
CAPÍTULO 4	35
A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO DAS MULHERES NA AGROECOLOGIA EM ALAGOAS	
Samara Farias dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.8951919114	
CAPÍTULO 5	47
A REPRESENTAÇÃO DA FIGURA FEMININA VÍTIMA DE VIOLÊNCIA NO <i>ESTADÃO</i> : O CASO DE AMANDA BUENO	
Luíza Buzzacaro Barcellos Janie Kiszewski Pacheco	
DOI 10.22533/at.ed.8951919115	
CAPÍTULO 6	58
ASSISTÊNCIA DA ENFERMAGEM OBSTÉTRICA E SEU VALOR NO RESGATE DA AUTONOMIA E EMPODERAMENTO	
Joise Magarão Queiroz Silva Talita Batista Lefundes Kelly Cruz Pimentel Sampaio Írbia Fernandes de Medeiros Letícia da Silva Cabral Cleuma Sueli Santos Suto	
DOI 10.22533/at.ed.8951919116	

CAPÍTULO 7	65
AS MEDIDAS PROTETIVAS MAIS APLICADAS EM CASOS ENVOLVENDO A LEI MARIA DA PENHA EM ORLEANS-SC	
Alessandra Knoll	
Felipe Basso Silva	
Gabriel Bittencourt de Aguiar	
DOI 10.22533/at.ed.8951919117	
CAPÍTULO 8	78
DE LEGGINGS À LUTA: A CONSTITUIÇÃO DO COLETIVO FEMINISTA MARIA BADERNA NO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA BAHIA – IFBA	
Taise de Jesus Chates	
Mirela Santiago Santos	
Rafael Bomfim Souza	
DOI 10.22533/at.ed.8951919118	
CAPÍTULO 9	87
AS MULHERES DE CLARICE: UMA ANÁLISE FEMINISTA DOS CONTOS “A FUGA” E “RUÍDO DE PASSOS”	
Thainá Oliveira Chemelo	
Anna Marcella Mendes Garcia	
DOI 10.22533/at.ed.8951919119	
CAPÍTULO 10	100
DIVERSIDADE DE GÊNERO E POLÍTICAS AFIRMATIVAS	
Jorge Adrihan do Nascimento de Moraes	
Valdenora Souza Mota	
Dayane Rainha da Silva	
Maria Madalena Pontes Melo	
DOI 10.22533/at.ed.8951919110	
CAPÍTULO 11	111
PRINCESAS NA <i>TIMELINE</i> : A REPRESENTAÇÃO DE GÊNERO DAS PRINCESAS DISNEY NA INTERNET	
Ana Carolina Rocha Lisita	
Patrícia Quitero Rosenzweig	
Rosa Maria Berardo	
DOI 10.22533/at.ed.8951919111	
CAPÍTULO 12	124
DIÁLOGOS CONJUGAIS DESENCONTRADOS EM <i>O SILÊNCIO</i> (1981), DA PORTUGUESA TEOLINDA GERSÃO (1940)	
Denise Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.8951919112	
CAPÍTULO 13	136
ERVAS MEDICINAIS: SABER E PRÁTICA NO FAZER FEMININO	
Daniela Bento Alexandre	
DOI 10.22533/at.ed.8951919113	

CAPÍTULO 14	146
EXPERIÊNCIAS EDUCACIONAIS NÃO ESCOLARES: UMA ANÁLISE A PARTIR DA CONCEPÇÃO DAS MULHERES DEPENDENTES QUÍMICAS	
Ana Tereza Bernardo Ribeiro de Jesus Suzana Alves Nogueira Larissa da Conceição Alves	
DOI 10.22533/at.ed.89519191114	
CAPÍTULO 15	150
A INSERÇÃO DAS MULHERES NO DESENVOLVIMENTO REGIONAL NORDESTINO ATRAVÉS DE DINÂMICAS ECONÔMICAS COLABORATIVAS	
Sunamita Iris Rodrigues Borges da Costa Assíria Marielle da Silva Dantas Azilis Camille Pierrel Laísa Maria da Silva Souza	
DOI 10.22533/at.ed.89519191115	
CAPÍTULO 16	163
LAERTE-SE: A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE ALÉM DO GÊNERO	
Juliana Maria Duarte Marques	
DOI 10.22533/at.ed.89519191116	
CAPÍTULO 17	175
EXPRESSÕES ATIVISTAS DO POLIAMOR E DESBANQUE DE PRIVILÉGIOS MASCULINOS: ENFRENTAMENTO PELA PSICOLOGIA POSITIVA E RECURSO TÉCNICO DA RESILIÊNCIA	
Maria Juivalda Barbosa Izaura Maria Carvalho da Graça Furtado	
DOI 10.22533/at.ed.89519191117	
CAPÍTULO 18	186
MULHER PRETA E A INTELLECTUALIDADE “ A SÍNDROME DA NEGA METIDA”	
Thalita Santos Reis Luduvico	
DOI 10.22533/at.ed.89519191118	
CAPÍTULO 19	195
MOVIMENTO CAPOEIRA MULHER – MANDINGAS, MALÍCIAS, SABERES ANCESTRAIS E FEMINISMO NA RODA	
Maria Zeneide Gomes da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.89519191119	
CAPÍTULO 20	209
MULHERES AMAZÔNIDAS E SUA RELAÇÃO COM EMPRESAS DE BIOCOSMÉTICOS: ENTRE NOVAS RURALIDADES E VELHAS CONCEPÇÕES DE GÊNERO	
Ruth Helena Cristo Almeida Carolina da Silva Gonçalves	
DOI 10.22533/at.ed.89519191120	

CAPÍTULO 21	217
O DESAFIO DAS PESCADORAS DE AÇUDE DO TERRITÓRIO DOS INHAMUNS CRATEÚS. IDENTIDADE, TRABALHO E RECONHECIMENTO	
Viviana Pittalis	
Anita Dias	
DOI 10.22533/at.ed.89519191121	
SOBRE A ORGANIZADORA	227
ÍNDICE REMISSIVO	228

MULHER PRETA E A INTELLECTUALIDADE “A SÍNDROME DA NEGA METIDA”

Thalita Santos Reis Luduvico

Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB) –
Campus Sosígenes Costa, Email: preta_1007@
hotmail.com

RESUMO: O presente texto tem como objetivo pontuar a importância do feminismo negro na luta contra hegemônica para fortalecer e encorajar as vivências das mulheres negras e acadêmicas. Me aproximarei de textos das autoras Lélia Gonzalez, bell hooks, Djamila Ribeiro, Ângela Davis, para pensar, o lugar imposto pela sociedade para a mulher negra como resquícios da escravidão. Como a sociedade e a família enxergam seu acesso, trânsito nos espaços acadêmicos. A nossa sociedade está pautada em dois pilares: branco e patriarcal sendo que a mulher branca está dentro sendo “branca” assim como o homem negro também por ser “homem” a mulher negra então, está de fora desse marcador dominante, nós somos “O OUTRO”. O outro que por vezes, tem sua luta, seu legado, seu corpo, seu cabelo a todo momento negado, silenciado, violentado. Buscaremos entender como esse feminismo negro interseccional uma vida intelectual pode salvar uma mulher negra, e como esse caminhar incomoda a sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher. Feminismo negro. Intelectualidade.

“O enorme espaço que o trabalho ocupa hoje na vida das mulheres negras segue um padrão estabelecido nos primeiros dias da escravidão. Como escravo o trabalho compulsório obscurecia todos os outros aspectos da existência das mulheres. Parece, pois, que o ponto de partida para uma investigação da vida das negras sob a escravidão seria uma avaliação sobre seus papéis como trabalhadoras. (Ângela Davis, Mulher, Raça e classe)

Não fomos vencidas pela anulação social, sobrevivemos à ausência na novela, e no comercial o sistema pode até me transformar em empregada, mas não pode me fazer raciocinar como criada.

Mulheres Negras Yzalurú

Somos vítimas da nossa história e do nosso presente. Eles colocam demasiado obstáculo no caminho do amor. E não podemos sequer gozar nossas diferenças em paz. (Ama Ata Aidoo, Our sister Killjoy)

INTRODUÇÃO

O legado da escravidão na vida dos/as negros/as principalmente das mulheres negras trouxe/traz inúmeras e dolorosas consequências. Quando digo: MULHER NEGRA me surge vários temas que gostaria de pontuar nesse texto, porém talvez não consiga contempla-los plenamente em todos os aspectos. Negação de direitos, rejeição,

silenciamento, morte, solidão, objetificação, sexualização, violência e tantos outros aspectos que nos acompanham desde a infância a vida adulta, me faz entender e adotar o feminismo negro como forma de luta, militância e resistência pois, entendo que como mulher negra que transita nos espaços de reflexão (acadêmico) tenho o dever de pensar e lutar contra o feminismo hegemônico que insiste em impor igualdade, e ao mesmo tempo de todas as maneiras “esfrega” em minha cara que não sou igual.

Como posso acreditar em igualdade se somos as que mais morremos, se somos as mais abusadas, estuprada. Como acreditar em igualdade se vejo poucas mulheres de minha cor em cargos de chefia, ou como médicas, ou frequentando as universidades, igualdade como? Se todos os dias quando me olho no espelho ajeito o meu crespo, passo um batom vermelho e penso duas vezes se é assim mesmo que vou sair na rua por medo ou vergonha de ser envergonhada ou insultada, igualdade como se tenho vergonha do abrir a boca com medo de ser inapropriada. Nós mulheres negras vivemos em constante situação de perigo, instabilidade, silenciamento sobre isso Lélia Gonzalez¹ nos lembra que:

É importante insistir que no quadro das profundas desigualdades, existentes no continente, se inscreve, e muito bem articulada, a desigualdade sexual. Trata-se de uma discriminação em dobro para com as mulheres não-brancas da região: as amefricanas e as ameríndias. [...]justamente porque este sistema transforma as diferenças em desigualdades e discriminação que elas sofrem assume um caráter triplo. (GONZALEZ,2011, p.16-7)

A autora nos faz pensar sobre a abolição e como ela nunca alcançou as mulheres pretas, a lógica de discriminação, preconceito estigma dos dias da escravidão ainda estão marcando nos corpos dessas mulheres sobre o tal ela vai dizer que a lei apenas revogou as posições contrárias e nada mais que isso: “ Para nós mulheres e homens negros a luta começou muito antes desse ato de formalidade e se estende até hoje. (Lélia Gonzalez 2011, p. 12)

Essa ilusão de liberdade ou de igualdade pode ser percebida facilmente quando paramos para pensar por exemplo o modo como as políticas públicas são aplicadas de maneiras diferentes entre homens/mulheres e mulheres negras/brancas por exemplo dados do IPEA (2017) que houve um aumento na violência contra mulher negra de 22% entre 2005 e 2015 enquanto de mulheres brancas houve uma redução de 7,4% nesse mesmo período o que isso quer dizer? As políticas públicas passam pelos marcadores de raça e classe e são efetivadas com prioridade quando se trata de mulheres não negras.

O esforço de estudar, ser uma acadêmica me deu rótulos que carrego desde a infância, todas as vezes que era aprovada no final do ano na escola sempre ouvia (era uma forma de elogio) “ Nossa! Ela nunca perdeu de ano, essa nega é

1.Lélia Gonzalez, Antropóloga, política, professora, militante dos movimentos, negro e feminista tencionou estes dois movimentos quando expõe o racismo no movimento feminista e o machismo no movimento negro. Foi uma das fundadoras do movimento negro unificado (MNU), do Nzinga coletivo de mulheres negras entre outros.

metida viu! ” Ouço hoje que sou irresponsável e egoísta por querer estudar, e deixar minha casa e filha aos cuidados de outros, que quero saber mais que todo mundo, que estou chata. Que sou uma “NEGA METIDA” a cada Enem que era aprovada, cada graduação que concluía sempre ouvia isso de pessoas muito próximas. Nega metida, nunca escutei nenhuma mulher branca que estuda, tem um bom emprego ser chamada de branca metida, mas já entendo que ao ser chamada assim é porque estou em um lugar que não foi feito para mim, estou ocupando um espaço outra nunca ocupado por uma mulher negra, então entendo que está no imaginário da sociedade que se ali estou logo sou muito metida.

Este texto busca conceituar através dos textos da bell hook ²o legado da escravidão na vida das negras acadêmicas, suas formas de existir e resistir na academia, bem como sua luta e enfrentamento. Seus textos me atravessaram de tal forma cheguei a pensar que eu mesmo poderia ter escrito (que ousadia). Feminista negra, professora, escritora ativista, usa seu auto escrita para nos aproximar e nos fazer entender o papel do feminismo na vida da população negra pois se aproxima do feminismo interseccional, e contra hegemônico para gritar as dores, orgulhos e feridas que as mulheres negras vêm sofrendo ao longo dos anos. Ângela Davis³ com seu trabalho “MULHER RAÇA E CLASSE” que me ajudou a entender o processo histórico da escravidão a abolição bem como a luta feminista negra.

O livro “QUEM TEM MEDO DO FEMINISMO NEGRO” da socióloga, filósofa, feminista negra Djamila Ribeiro que através de vários textos ajuda-nos a pensar o feminismo como projeto democrático e não meramente luta identitária.

Assim tentaremos entender o “aproximamento” que a figura negra, o corpo negro tem na intelectualidade bem como se dão os olhares externos para esse corpo, seja da família, amigos, pessoas próximas e o porquê uma mulher negra que estuda que tem uma boa profissão tem títulos acadêmicos é constantemente vista como uma “nega metida” “quem ela pensa que é? ”.

NEGRAS E INTELLECTUAIS, COMO ASSIM? MULHERES NEGRAS E SUA INTELIGÊNCIA QUESTIONADA LEGADO DA ESCRAVIDÃO PENSANDO BELL HOOKS, ÂNGELA DAVIS.

No texto “vivendo de amor” da autora, feminista, teórica, ativista e artista estadunidense bell Hooks, ela traça de forma cronológica os resquícios que a condição de escravidão e seu legado na subjetividade da cabeça das pessoas formaram sobre o negro principalmente a mulher negra. Ângela Davis em mulher raça e classe “toda esta atividade intelectual a situação especial das mulheres escravas continuaram

2. Escritora afro americana, teórica feminista e crítica cultural, *bell hooks* (o nome é grafado em letras minúsculas porque bell acredita que a sua escrita é maior do que ela mesma).

3. Angela Yvonne Davis é uma professora e filósofa socialista estado-unidense que alcançou notoriedade mundial na década de 1970 como integrante do Partido Comunista dos Estados Unidos , dos Panteras Negras, por sua militância pelos direitos das mulheres e contra a discriminação social e racial nos Estados Unidos.

impenetradas. Eram incessantes os argumentos sobre a sua “promiscuidade sexual” ou a sua propensão “matriarcal” obscura, muito mais que eles iluminaram sobre a condição da mulher durante a escravatura” a autora explica que inúmeros estudos foram feitos porém com relação a condição da mulher escravizada deixavam muito a desejar pois a viam sempre atreladas a promiscuidade, ao matriarcado selvagem e corpos que precisavam ser domados.

O sistema definia os escravos como bens moveis e apesar dos abusos sexuais a mulher negra não era vista diferente do homem escravo elas trabalhavam o tempo inteiro em qualquer tarefa sem separação, uma mulher negra mãe dona de casa que cuidava de seu marido era vista como uma anomalia. A papel da tia Anastácia por exemplo personagem de Monteiro Lobato, era vista como uma serva mãezona pronta para servir a todos, sua figura apesar de desempenhar um papel doméstico não era a dona da casa era uma escrava somente e como o próprio Lobato citou uma “negra de estimação”. É importante pensar que além de desenvolverem o papel de força de trabalho a mulher escravizada sofrida de formas múltiplas como a autora relata que:

“As mulheres também sofreram de maneiras diferentes, porque eram vítimas de abuso sexual e outras barbaridades de maus tratos que apenas podem ser infligidas às mulheres. Os comportamentos dos donos de escravos para as mulheres escravas eram: quando era rentável explorá-las como se fossem homens, sendo observadas, com efeito, sem distinção de gênero, mas quando elas podiam ser exploradas, castigadas e reprimidas em formas ajustadas apenas às mulheres, elas eram fechadas dentro do seu papel exclusivo de mulheres.” (Davis, p.11)

As violências sobre os corpos da mulher negra eram inúmeras além de não haver distinção da força de trabalho braçal dos abusos sexuais no século XIX elas passaram a ser exploradas para reprodução e crescimento das mãos de obra escrava com o fim das rotas de tráfico de escravos. A autora ressalta que mesmo sendo mães elas não eram tratadas como tal não passaram a ser vistas com mais respeito passaram a serem mais exploradas sexualmente, “No entanto, isso não significava que como mães, as mulheres negras tivessem um estatuto mais respeitável do que tinham como trabalhadoras. A exaltação ideológica da maternidade – popular durante o século XIX – não se estendia às escravas” (Davis, p.12) ou seja eram apenas garantia da manutenção de força de trabalho “fazedoras de nascimento/breeders animais cujo valor era calculado pela fertilidade e habilidade de multiplicar seus números. E mesmo estando grávida ou ter parido recentemente eram obrigadas a trabalhar muitas delas apanhavam mesmo estando de barriga eram obrigadas a deixarem seus filhos no chão das plantações. Com a revolução industrial a mão de obra escrava passa a ser usada também nas fabricas e também sem distinção, nas minas, lenhadoras, garimpeiras, na construção das linhas de ferro, e até mesmo para substituir as bestas e puxar carroça como lembra Karl Max em O capital:

“Em Inglaterra as mulheres ainda são ocasionalmente usadas em vez de cavalos para arrastar os barcos nos canais, porque o trabalho requer a produção de cavalos e máquinas numa exata e conhecida quantidade, enquanto o requisito de

manter as mulheres do excedente populacional é abaixo de todos os cálculos”.

Nesse mesmo tempo a ideologia do feminismo hegemônico era disseminada nas novelas, livros para mulheres brancas eram sinônimos de mãe donas de casa frágeis, mas isso não se aplicava as mulheres negras. Esse processo de masculinização, de comparação com animais que a mulher negra escravizada sofreu contribuiu para estigmas até hoje marcados sobre o corpo negro e razões para entender as inúmeras violências colocadas sobre corpos pretos. As mulheres negras eram chamadas de insubordinadas o sociólogo Franklin Frazier no seu livro *A Família Negra* relata o impacto da escravidão na constituição dessas famílias, e que nem as relações econômicas nem as tradições a ensinaram a mulher se subordinar a “autoridade masculina” quem assim pensa talvez o pense por saber dos inúmeros atos de resistências que essas mulheres faziam, quem ousa achar que aceitavam violência passivamente se engana Davis relata que:

Elas envenenaram os seus donos, cometeram outros atos de sabotagem e, como os seus homens, juntaram-se a comunidades de escravos fugitivos e frequentemente fugiam para norte para a liberdade. Dos numerosos casos de violenta repressão que os capatazes infligiram sobre as mulheres, deve ser deduzido que aquela que passivamente aceitou o seu destino como escrava foi mais uma exceção do que a regra. (Davis, p. 22)

Mulher insubordinada sim, resistência resiliência, focada disciplinada, inteligente astuta e sagaz, aspectos que assustaram e/ou assustam a sociedade, Herbert Apthker, “a mulher negra tão frequentemente impulsionou com prontidão a conspiração de escravos” Hooks trata de como e porque é um tabu falar de amor e solidão, de como a sociedade ver a mulher negra como quem não precisa de um amor, “Muitas mulheres negras sentem que em suas vidas existe pouco ou nenhum amor. Essa é uma de nossas verdades privadas que raramente é discutida em público. Essa realidade é tão dolorosa que as mulheres negras raramente falam abertamente sobre isso” (Hooks, p.1).

Tudo isso se dá dentro de famílias negras como um legado que passa de família para família, de mulher para mulher desde o regime escravocrata, onde os negros eram

proibidos de expressar qualquer sentimento, mesmo diante de perdas aos olhos dos mais perversos irreparáveis, como perda de filhos que eram vendidos, ou até mesmo assisti-los sendo acoitados e até mortos assim como seus companheiros mães pais, estupros dentre tantas barbaridades. “Nós negros temos sido profundamente feridos, como a gente diz, “feridos até o coração”, e essa ferida emocional que carregamos afeta nossa capacidade de sentir e conseqüentemente, de amar. Somos um povo ferido. ” (Hooks, p.1). A autora chega a estabelecer uma conexão dessa herança violenta com a violência doméstica que presenciamos dentro dos lares principalmente conta as mulheres negras quando diz que:

“Essa talvez seja a razão pela qual muitos negros estabeleceram relações familiares espelhadas na brutalidade que conheceram na época da escravidão. Seguindo o mesmo modelo hierárquico, criaram espaços domésticos onde conflitos de poder levavam os homens a espancarem as mulheres e os adultos a baterem nas crianças como que para provar seu controle e dominação.” (Hooks, p. 2)

Reprimir sentimentos, era uma arma para sobreviver, não chorar, não se sensibilizar era um meio para que apesar de toda a violência conseguissem resistir, criar barreiras emocionais essa era a chave que dura até hoje na vida de negros e negras mesmo depois da escravatura. Famílias negras aprenderam a demonstrar amor de outra forma que não emocionalmente, com o trabalho duro a manutenção da família, comida, escola, nada que passasse para o afeto vivendo em um contexto de genocídio da população negra, pobreza, esses eram os aspectos importantes, suficiente demonstração de amor, beijos e abraços são bobagens.

Falar de mulher negra é falar da forma interseccional e ter um discurso contra hegemônico pois são tantos os aspectos que nos afetam que um único feminismo não contemplaria, não é egoísmo, é militância, é amor, tanto nos faltou o amor durante toda nossa vida que não podemos ser chamadas de egoístas ou separatistas ou exigir e lutar por um feminismo que nos alcance. Como escreveu bell Hooks (p.5;6):

“O amor precisa estar presente na vida de todas as mulheres negras, em todas as nossas casas. É a falta de amor que tem criado tantas dificuldades em nossas vidas, na garantia da nossa sobrevivência. Quando nos amamos, desejamos viver plenamente. Mas quando as pessoas falam sobre a vida das mulheres negras, raramente se preocupam em garantir mudanças na sociedade que nos permitam viver plenamente.”

Crescemos ouvindo que somos fortes, auto suficientes, nos viramos sozinhas (vemos nossas mães, avós cuidarem de nossa famílias sozinhas), podemos ficar só, isso é cruel porque essa é a mesma sociedade que também nos reduz a objetos sexuais (se temos traços e corpos dentro dos padrões impostos) se estamos fora deles não temos direito de ter um companheiro (a), sociedade que diz que não podemos nos amar como somos, nosso cabelo, nossa boca, nosso nariz, devemos pensar duas vezes antes de armar nosso crespo e sair, sem alguém criticar ou dizer que quero chamar atenção OUÇAM EU NÃO QUERO CAUSAR, ESSE É MEU CABELO, SÓ QUERO USÁ-LO DA MANEIRA QUE ACHO MELHOR.

Aprendemos desde cedo a negar nossas necessidades mais íntimas, para poder enfrentar a escola, a vizinhança, os espaços onde queremos, mas não podemos transitar livremente, também surge a necessidade de exercer todos os dias o que a autora chama de “amor interior” quando fala sobre a importância da afirmação:

A afirmação é o primeiro passo para cultivarmos nosso amor interior. Uso a expressão “amor interior” e não “amor próprio” porque a palavra “próprio” é geralmente usada para definir nossa posição em relação aos outros. Numa sociedade racista e machista, a mulher negra não aprende a reconhecer que sua vida interior é importante (hook, p.9)

Estamos presenciando um momento de reflexão e mudanças apesar de

pequenas mas notórias, portanto precisamos parar de nos inspecionar no espelho e começar a nos afirmar, pois o julgo da sociedade nos nossos ombros já é demasiada pesada.

O ANTI INTELECTUALISMO COMO FORMA DE RESISTÊNCIA NA ACADEMIA A IMPORTÂNCIA DO FEMINISMO NEGRO PARA A DESCONSTRUÇÃO DE UM AUTO OLHAR ESTEREOTIPADO E INFERIORIZADO

A resistência feminina é atemporal ancestral ela não vinha apenas como luta, ou atos que se dão na pratica na merção de força a resistência se dava na forma de sede de aprender. Davis lembra que a resistência se dava de forma sutil na aquisição de livros e competências como leitura, escrita. A autora relata de uma escrava que se dirigia a escola da meia noite, e, ensinava os seus na calada da noite, graduando centenas e muitos desses escreveram seu passe para a liberdade.

Conta de “uma mulher jovem branca emergiu como um modelo dramático de coragem feminina e militância anti-racista. Prudence Crandall foi uma professora em Connecticut que desafiou a sua cidade branca aceitando uma rapariga negra na sua escola”. Ela fez uma aliança poderosa entre a estabelecida luta pela libertação dos negros e negras e a embrionária batalha pelo direito das mulheres”.

Mesmo depois de um quarto de século enquanto as mulheres brancas lutavam pelo direito ao voto e o homem negro era inserido na sociedade, as mulheres negras continuavam em situação de subalternidade, delas eram os trabalhos mais sujos, mal pagos, nas prisões eram jogadas em selas com homens.

Sobre o pensamento do branco que se perpetua até hoje sobre educação, a autora cita: Como a criança escrava Frederick Douglass, muitos dos quatro milhões de pessoas que celebravam a emancipação tinham desde há muito entendido que “o conhecimento tornava desadequada a escravatura para as crianças”. E como o dono de Douglass, os agricultores donos de escravos perceberam que “se deres a um negro a mão ... ele tomará o braço. O conhecimento estragava o melhor nigger do mundo”.(Davis, p.76)

Nossos corpos sempre foram associados ao trabalho braçal por isso que nosso transito nos espaços do saber é sempre visto com desconfiança e como diz hooks nossa “intelectualidade é suspeita”, Davis conta de uma escrava agrícola chamada Jenny Proctor que relatou:

“Nenhuma de nós estava autorizada a ler um livro ou a tentar aprender. Eles diziam que ficávamos mais espertas que eles se aprendêssemos alguma coisa, mas nós fugíamos e com o velho livro azul escondíamos-lo até tarde de noite e então com a luz de uma pequena tocha estudávamos-lo. Aprendemos. Agora posso ler e escrever alguma coisa. ” (Davis, p.77)

O poder místico do racismo e sua ideologia de que ao povo negro era incapaz de avanços intelectuais cegou e ainda cega geração após geração, mulheres negras eram apedrejadas por estudarem nada diferente do que nos cita hooks nos dias

atuais onde muitas de sofremos um apedrejamento social por escolhermos uma vida acadêmica em detrimento ao casamento, filho, e afazeres doméstico. O sexismo e o racismo atuando juntos contribuem para fortalecer o imaginário cultural coletivo de que a imagem da mulher que serve aos outros é negra, mulher que sempre foi vista como dotada de um apetite sexual desenfreado inerente a natureza só corpo sem mente.

Esses aspectos do racismo na vida de mulheres negras acadêmicas dificultam sem processo de sucesso na academia, muitas adotam o anti intelectualismo como forma de militar também dentro da academia, pois na maioria das vezes se sentem inapropriadas, incoerentes a acham que suas ideias não merecem ser ouvidas. A política do patriarcado torna a situação do negro diferente da negra, pois além de lidar com a violência de cor, ainda temos que lidar com a violência de gênero.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar da mulher, em termos de aspiração e projeto, rebeldia e constante busca de transformação, falar de tudo o que envolva a condição feminina, não é só uma vontade de ver essa mulher reabilitada nos planos econômico, social e cultural. É mais do que isso. É assumir a postura incômoda de se indignar com o fenômeno histórico em que metade da humanidade se viu milenarmente excluída nas diferentes sociedades no decorrer dos tempos.(Amelinha Teles, “Breve historia do feminismo no Brasil”)

A proposta deste texto foi fazer um relato histórico da condição da mulher negra escravizada e o estigma marcados em seus corpos que se perpetuam até nossos dias e para entender da urgência de reparação histórica desse processo maldoso, a importância do acesso e transito produção e reprodução dessas mulheres nos espaços acadêmicos e de como o feminismo pode ajudar no empoderamento.

A vida trabalhadora de mulheres negras foi atingida de várias formas pela escravidão e o legado dela podemos perceber quando Ângela Davis faz de forma dolorosa e espetacular a narrativa de como as mulheres negras e onde estava durante a escravidão e pós abolição. Se torna visível quando a Hooks em Ensinando a Transgredir, fala da tensão que era encarada a mulher negra e suas produções na academia e hoje ao garimparmos na nossa mente mulheres negras intelectuais, até mesmo por tentarmos como mulheres negras entrar nessa vida acadêmica nos deparamos com o racismo e o sexismo.

Ser mulher, ser negra e acadêmica é um ato político, ousado de resistência, devemos entender esse processo de produzir de dentro para fora afim de ir contra o sistema hegemônico que insiste em nos rotular. Como afirma a escritora Djamila ribeiro “Não sou discriminada por que sou diferente, me torno diferente porque sou discriminada”.

REFERÊNCIAS

DAVIS, Ângela. **Mulheres, raça e classe**. S. Paulo: Bomtempo, 2016 [1981].

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo Afro-latino-americano**. Caderno de formação e Política do círculo palmarino.n.1.2011.

Hooks, Bell. **Ensinado a transgredir: a educação como pratica da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes,2013.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** S. Paulo: Companhia das letras, 2018.

MARX, Karl. **O Capital**. Editora Record, (1960).

TELLES, Maria Amélia de Almeida. **Breve História do feminismo do Brasil**. Brasiliense, 1993.

SOBRE A ORGANIZADORA

SOLANGE APARECIDA DE SOUZA MONTEIRO - Doutoranda em Educação Escolar. Mestra em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupungá (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupungá (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo (IFSP/Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: - Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio as Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE), Membro da Equipe de Formação Continuada de Professores. Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, História da Educação Sexual, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-raciais. Participa do Grupo de pesquisa - GESTELD - Grupo de Estudos em Educação, Sexualidade, Tecnologias, Linguagens e Discursos. Membro desde 2018 do Grupo de pesquisa “Núcleo de Estudos da Sexualidade - NUSEX”.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Açude 217, 221

Agroecologia 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45

Amanda Bueno 47, 48, 50, 52, 54, 55, 56

C

Clarice Lispector 87, 88, 97, 98

Comunicação popular 136, 138

Contexto escolar 78, 82

Crítica literária feminista 87, 89, 98

Cuidado 11, 12, 14, 18, 19, 20, 24, 41, 50, 58, 60, 61, 62, 64, 82, 92, 131, 179, 217, 219

Cuidado de enfermagem 58

D

Discursos 1, 2, 3, 4, 5, 7, 9, 16, 17, 50, 87, 103, 111, 113, 114, 117, 132, 133, 134, 168, 172, 183, 209, 227

Diversidade de gênero 100, 101, 102, 103, 105, 108

E

Economia solidária 150, 152, 156, 157, 158, 160

Educação contra hegemônica 195

Empoderamento feminino 58, 61, 151, 160

Enfermagem 12, 15, 20, 58, 60, 61, 62, 63, 64, 137

Enfermagem obstétrica 58, 60, 61, 62

Ervas medicinais 136, 138, 139, 143, 145

Estadão 47, 48, 49, 53, 54

Experiências educacionais 146, 147

F

Feminismo negro 85, 186, 187, 188, 192, 194, 199, 207

H

Humanização do parto 58, 59, 60, 61, 62, 63

I

Identidade 6, 8, 12, 13, 17, 18, 19, 26, 32, 38, 43, 69, 78, 79, 91, 95, 96, 98, 103, 107, 109, 113, 117, 123, 126, 132, 139, 150, 157, 160, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 176, 208, 217, 218, 220, 221, 222, 225

Inclusão social 150, 158

Intelectualidade 186, 188, 192

Interseccionalidade 1, 3, 5, 6, 7, 10, 11, 78, 81, 85, 86, 91, 111, 112, 116, 117, 123

J

Jornalismo 47, 49, 55, 56, 57

L

Lei 19, 20, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 48, 51, 54, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 74, 75, 76, 77, 105, 106, 109, 147, 173, 187, 218, 223

Literatura portuguesa contemporânea 124, 129

M

Medidas protetivas 65, 70, 71, 72, 75, 197

Método canguru 12, 14, 15, 16

Minorias 81, 100, 104, 105, 106, 107, 108

Movimentos sociais do campo 35, 40

Mulher 1, 2, 5, 6, 7, 8, 10, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 48, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 76, 79, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 103, 114, 117, 120, 123, 125, 127, 128, 129, 131, 132, 134, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 158, 160, 161, 163, 164, 167, 168, 169, 170, 171, 173, 176, 177, 181, 183, 184, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 195, 196, 197, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 213, 220, 221, 222, 223, 225

Mulher capoeirista 195, 201, 205

Mulheres 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 50, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 66, 67, 72, 76, 79, 81, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 97, 98, 103, 105, 107, 113, 114, 116, 117, 119, 122, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 165, 167, 171, 172, 175, 176, 177, 178, 180, 183, 184, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 209, 210, 213, 215, 216, 217, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225

Mulheres dependentes químicas 146, 148

Mulher-trabalho 35

O

Organização feminina produtiva 150

Organização social 17, 40, 166, 207, 209

P

Parceria 156, 158, 164, 195, 202, 205, 209, 211, 213, 216, 220, 223

Pescadoras artesanais 217, 219, 225

Políticas afirmativas 100, 101, 102, 104, 105, 106, 108

Práticas pedagógicas 146, 147, 148

Prematuridade 12, 14, 19

Protagonismo feminino 35, 62, 63

R

Representação 47, 51, 54, 56, 89, 91, 92, 111, 116, 119, 122, 125, 167, 169, 198, 211, 212, 219, 220, 221, 225

Resistência 38, 89, 90, 94, 130, 139, 170, 179, 183, 187, 190, 192, 193, 195, 199, 200, 203, 207, 219, 223, 225

Roda capoeira 195, 200

S

Sertão 136, 144, 217, 220, 221

Solidão 96, 124, 187, 190

T

Tradição 89, 90, 124, 129, 134, 196, 197

Transexualidade 163, 164, 165, 168, 169, 172, 174

V

Violência 4, 6, 11, 19, 20, 32, 43, 47, 48, 50, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 62, 63, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 76, 77, 94, 108, 141, 164, 170, 172, 187, 190, 191, 193, 200, 201, 204, 213, 225

Violência contra a mulher 47, 48, 50, 51, 52, 55, 56, 57, 69, 76, 200

Volatilidade 124, 125, 126, 134

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-789-5



9 788572 477895